

ANÁLISE DE PRODUÇÕES DE LITERATURA E FOLCLORE EM LÍNGUA DE SINAIS

LOPES, Betty. **Análise de produções de literatura e folclore em línguas de sinais.** In: **Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras.** Edição nº 002/2016. [artigo em Libras publicado em vídeo, 40m06s]. Florianópolis: UFSC, 2016. Disponível em: <revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br>. Traduzido para a Língua Portuguesa pela própria autora, Betty Lopes.

RESUMO: O presente artigo é a produção do trabalho final da disciplina: “Literatura e Folclore em línguas de sinais”, do currículo da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A literatura surda desempenha um papel muito importante nas comunidades surdas, pois através dela é possível explorar a imaginação, contar histórias, manifestar emoções e transmitir elementos culturais às gerações futuras, através da língua de sinais, uma língua gestual-visual, mantendo desta forma viva a cultura surda. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo principal apresentar, a partir de uma pesquisa bibliográfica, o resultado de uma análise sobre as produções literárias surdas em uma seleção de gênero de narrativas, piadas e poemas sinalizados como parte de uma descrição e explicação das características temáticas da literatura e folclore em línguas de sinais. Os conceitos como folclore, “*deaflore*” e “*signlore*” também serão discutidos neste trabalho.

Palavras chaves: Literatura Surda, Cultura Surda, Língua de Sinais, Folclore, Deaflore e signlore.

1. Introdução

A Literatura Surda desenvolveu-se em algum ponto no desenrolar da história da Comunidade Surda, cuja tradição cultural se manifesta nas histórias contadas em língua de sinais de uma geração surda a outra, porém, o registro dessas histórias contadas no passado permanecem na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. Não temos registros de antigas histórias que foram contadas de forma sinalizada, pois não havia a tecnologia que temos hoje para o registro dessas produções literárias. Atualmente, com o avanço da tecnologia, é possível registrá-las através de filmagens e vídeos, tornando desta forma a literatura sinalizada acessível a todos os surdos. E nos dias de hoje podemos contar com várias produções literárias registradas em filmagens, vídeos em esfera internacional e transmitindo desta forma a “cultura surda” (Gladis Perlin, 2003).

Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo discutir, a partir do levantamento bibliográfico, das análises de produções literárias em uma seleção de narrativas, piadas, poemas sinalizados, com descrição e explicação das características temáticas da literatura e folclore em línguas de sinais. Neste estudo, dentre as descrições, discutiremos também

sobre a cultura e identidade surda, assim como também os conceitos de folclore, “*deaflore*” e “*signlore*” (Simon Carmel, 1996) que fazem parte do cânone da literatura surda e folclore surdo. E haverá no desfecho final algumas considerações finais de acordo com a análise e aplicação da teoria nas produções literárias em línguas de sinais.

2. Literatura, cultura e identidade surda

O que de fato vem a ser literatura surda? Segundo Karnopp (2010):

literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (p.161).

A autora ainda explica que a cultura surda, a experiência visual e a língua de sinais é a base de sustentação do encontro e da vida da comunidade surda, sendo que uma das diferenças entre a comunidade surda de outras comunidades linguísticas é que os surdos não estão localizados geograficamente em uma mesma localidade, mas, espalhados em várias partes do mundo. O encontro surdo-surdo ocorre geralmente em associações de surdos, escolas de surdos, locais de encontro e mantendo, desta forma, viva a cultura surda.

A Língua de Sinais, uma língua gestual-visual, é o elo da comunidade surda, seu uso possibilita a produção de histórias, narrativas, poemas, piadas, contos, fábulas, lendas e outras manifestações culturais que vão passando por várias gerações surdas. Assim, a Literatura Surda está também relacionada com a cultura surda, pois nela é frequentemente relatada a vida dos próprios surdos, suas lutas e desafios diante de uma maioria ouvinte. Como também os valores, feitos dos líderes surdos, história de vida, conflitos, dificuldades e o orgulho de ser surdo, que passa de uma geração a outra através da legitimidade da língua de sinais, transmitindo suas lutas, reconhecimento de suas identidades e cultura. Segundo as pesquisas de Rosa e Klein (2009), “a literatura sinalizada é uma expressão artística dos surdos registrados através de vídeos e a divulgação desse material em língua de sinais mostra o enfoque de uma diferença cultural, que é própria dos surdos” (p. 2-3).

Considerando os aspectos relativos à Literatura surda, a legitimidade da língua de sinais, a transmissão dos valores, o orgulho surdo através da história, torna-se importante destacar alguns pontos sobre cultura e identidade surda, sendo fundamental que se tenha a compreensão destes dois termos. Muitas pessoas têm dificuldades em entender o significado real e profundo de cultura surda, mas vejamos: segundo Gladis e Perlin (2003), cultura Surda relaciona-se ao modo do surdo ser, perceber sentir e vivenciar o mundo de forma a transformá-lo à melhor maneira que ele possa habitar.

Em complementação a esse pensamento, Strobel (2008) afirma que “A cultura surda é profunda e ampla, ela permeia, mesmo que não a percebamos, como sopro da vida ao povo surdo com suas subjetividades e identidades” (p. 112). Assim, podemos ver que cultura surda é algo próprio do ser surdo, seu jeito de ser e de vivenciar o mundo transmitindo seus valores através de sua identidade natural.

A cultura surda e a identidade surda estão profundamente interligadas, fazendo parte do ser surdo. Segundo Quadros e Sutton-Spence (2006), a identidade e cultura surda é diversa devido a sua vivência em um mundo bilíngue e multicultural, tendo sua vivência performada pela experiência visual, que atravessa todas as comunidades surdas mundiais, e por sua vivência com sua comunidade nacional que tem uma língua própria.

Podemos, agora, entender que neste ambiente bilíngue, multicultural, a literatura surda transmite a cultura e a identidade surda através de gerações. Assim como Karnopp (2010) explica, que o material literário, em geral, reconta a experiência vivida pelas pessoas surdas, direta ou indiretamente, a relação entre surdos e ouvintes conflituosas ou benevolentes, de aceitação ou opressão ao surdo.

O registro da literatura surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da língua de sinais e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram registros visuais dos sinais. Hoje, estamos privilegiando a literatura surda contemporânea, que após o surgimento da tecnologia, foi possível a gravação de histórias através de DVD, publicações em youtubes, links na internet e outros. Há um grande cânone de literatura surda em nível internacional, e é dentro deste cânone que retirarei algumas produções literárias para análise.

Nos estudos sobre a literatura surda, sabemos que a maioria das produções são feitas pelos próprios surdos, são totalmente visuais, centram-se na linguagem estética, possuem elementos que não se encontram na literatura escrita ou falada, assim como: velocidade, espaço, configurações de mãos, antropomorfismo, incorporação e classificadores.

3. Folclore surdo

Pesquisando o conceito de folclore, a wikipédia define como: **folclore** (do inglês *folk* que é *gente* ou *povo* e *lore* que é *conhecimento*) é a tradição e usos populares, constituído pelos **costumes** e **tradições** transmitidos de geração em geração. Dundes (1965) define folclore como um termo coletivo que nomeia as tradições, costumes, rituais e formas de expressão de experiência de um grupo particular, transmitidos por meio de piadas, charadas e da linguagem.

O que vem a ser folclore surdo? Nos Estados Unidos, há mais de vinte anos, Simon Carmel (1996) afirmou que Folklore Deaf tinha suas próprias definições e gêneros, por isso criou os termos “*deaflore*” e “*signlore*” para refletir isso. O termo “*deaflore*” (Deaf, do inglês, significa surdo - lore é conhecimento, cultura), que na verdade significa *folclore surdo*, se referindo ao conhecimento coletivo da comunidade surda. No nível da linguagem, o folclore surdo inclui histórias, narrativas pessoais, piadas surdas e poesia em língua de sinais. O outro termo “*Signlore*” (sign, do inglês, significa sinais - lore é conhecimento, cultura), significa folclore em sinais, que ocorre quando os sinalizantes são especialmente criativos com sua língua de sinais, de modo que a contribuição espacial e visual tridimensional da língua contribua para o folclore surdo da comunidade surda.

O que vem a ser cânone? Segundo Renee Goodvin, cânone é o conjunto de produções que passou a ser amplamente reconhecido como “principal” ou “melhor” e que é referido como um “clássico literário” por consenso entre críticos, acadêmicos e professores. Os

autores que representam o cânone literário são aqueles que aparecem em produções impressas e que são sempre discutidos por críticos literários e historiadores de maneira ampla. Os trabalhos desses autores são quase sempre incluídos em antologias. E cânone sinalizado? É o conjunto das melhores produções sinalizadas, definidas em consenso entre acadêmicos, críticos e professores da comunidade surda. E dentro deste cânone podemos encontrar um grande corpus de produções literárias internacionais, como narrativas, histórias, piadas e poemas sinalizados.

As seguintes produções literárias surdas foram retiradas do corpus do cânone sinalizado para análise: “bebê IC” (implante coclear – Nigel Howard), “Chapeuzinho vermelho” (Heloise Gripp), “caixa de surpresa” (Jack in the Box - Richard Carter), “O violista e a pantera surda” (Bruno Ramos), “Os três deficientes no Corcovado no Rio de Janeiro” (Bruno Ramos), “Bandeira brasileira”(Nelson Pimenta) e “A história da bandeira de Bristol” (The story of the flag – Davi Ellington). Vejamos abaixo a análise destas produções sinalizadas com uma descrição e explicação das características temáticas da literatura como: categoria, imagem, tema, assunto/conteúdo e função, não necessariamente nesta ordem. Categoria é a classificação das produções literárias sinalizadas em narrativas, piadas ou poemas. Imagem se refere ao personagem central ou ao fator principal. Tema se refere ao que a produção quer mostrar ou ensinar. Assunto/conteúdo é o desenrolar da história, o que se quer transmitir. E função se refere ao objetivo da história, para que serve, por exemplo: entretenimento.

4. Análise das produções sinalizadas:

4.1. “bebê IC” (implante coclear)

(Veja o vídeo criado pelo Nigel Howard, surdo do Canadá e sinalizado pelo ator Bruno Ramos no artigo original deste texto publicado em Língua Brasileira de Sinais e disponível no link [**Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras \(ufsc.br\)**](http://Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras (ufsc.br)))

Transcrição da narrativa (ela será mostrada sinalizada no vídeo)

A mulher está grávida, nasce um bebê, ela a embala no colo, fala que o bebê é surdo, continua embalando no colo e a entrega para alguém. Esse alguém pega o bebê, sorri e de repente faz o implante coclear (implanta) agressivamente no bebê.

Essa produção literária faz parte da literatura surda sinalizada internacional, cujo autor é Nigel Howard, do Canadá, passada de geração em geração, aqui sinalizada pelo ator surdo Bruno Ramos. Possui o *deaflore*, que faz parte do conhecimento da cultura surda, e o *signlore*, que é uma produção criativa da língua de sinais. Em **categoria** é classificada como narrativa (curta); possui como **imagem**: bebê surdo; tem como **tema**: opressão e o **assunto/conteúdo** se trata da surdez e a opressão na sociedade ouvinte, o que de fato, no fundo mostra a revolta dos surdos com a imposição do IC pela sociedade ouvinte. Por exemplo: na parte em que é colocada o IC, a expressão facial agressiva nos leva a sentir dor e raiva. **Função**: O que a primeira vista parece simplesmente uma forma de entretenimento, pode esconder sentidos mais profundos, inclusive uma revolta contra a comunidade ouvinte e contra a opressão.

4.2. “Chapeuzinho vermelho”

(Veja o DVD de histórias infantis do INES, interpretada e sinalizada por Heloise Gripp)

Essa produção literária faz parte do folclore surdo, sinalizado, porém adaptado da literatura escrita da sociedade ouvinte. Não possui deaflore, mas sim signlore, folclore em língua de sinais com criatividade incluindo inclusive a dramatização. Em **categoria** é classificada como narrativa com dramatização; possui como **imagem**: criança; tem como **tema**: obediência; cujo **assunto/conteúdo** ensina valores culturais, como por exemplo, a obediência a mãe. **Função**: entretenimento/diversão e transmissão de cultura para as novas gerações.

4.3. Caixa Surpresa / Jack in the box (Richard Carter)

(Veja o vídeo no link abaixo)

<http://www.bristol.ac.uk/education/research/sites/micsl/poem-repository/poems/>

Transcrição da narrativa

O menino surdo acorda no meio da noite, levanta, vai escondido na sala para ver os presentes e abre uma caixa de presente. Desta caixa, surge um boneco, que sinaliza para o menino que ele é mau, que está errado em abrir o presente escondido dos pais. O menino assustado fecha a caixa rapidinho e volta para a cama. No dia seguinte os pais o acordam para abrir o presente, ele vai abrir a caixa, mas com medo, porém ao abrir, o boneco surge calado e quando os pais se afastam, o boneco pisca o olho para ele.

Essa produção literária faz parte da literatura surda sinalizada internacional, cujo autor é Richard Carter, da Inglaterra e foi produzido em BSL (Britanic Sign Language). Possui o deaflore, que faz parte do conhecimento da cultura surda, e o signlore, que é uma produção criativa da língua de sinais. Em **categoria**: o autor afirma ser um poema, mas na minha análise encaixa-se mais em narrativa; possui como **imagem**: personagens surdos com incorporação; tem como **tema**: obediência e confiança; cujo **assunto/conteúdo** é a experiência dos surdos, com personagens surdos - “nós”- sinalizantes, surdo que cuida de surdo e ensina valores culturais. **Função**: Transmissão da cultura para novas gerações.

4.4. O violinista e a Pantera Surda

(Veja o vídeo feito pelo ator Bruno Ramos no artigo original deste texto publicado em Língua Brasileira de Sinais e disponível no link **Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras (ufsc.br)**)

Transcrição da piada (ela será mostrada sinalizada no vídeo)

Um homem foi andando, pensando calmamente, em casa no silêncio, se sentou, pegou o violino e começou a tocar em paz e relaxando. De repente enquanto estava tocando, começou a ouvir alguns ruídos. Parou de tocar, foi até a janela, abrindo-a, viu transportes acelerando e fazendo barulho. Fechou a janela, voltou para dentro de casa, pegou o violino, guardou-o dentro da caixa, pendurou, saiu e foi para o seu carro. Saiu

dirigindo o carro, no trajeto viu uma praça com chafariz, se imaginou ali tocando ao som da água. Estacionou o seu carro, pegou o seu violino, foi até a praça, se sentou, abriu a caixa do violino e começou a tocar. Enquanto tocava seu violino, ele começou a ouvir barulhos de crianças gritando e brincando na praça. Ele desistiu, pegou o violino, guardou dentro da caixa, foi para o carro e saiu dirigindo. Enquanto dirigia, teve a idéia de pegar a estrada, foi pela estrada, passou entre árvores, estradas de terra, até que chegou a um lugar tranquilo com muito verde com passarinhos cantando. Saiu do carro com seu violino, viu um tronco de árvore caído no chão, sentou-se neste tronco, abriu a caixa do violino, pegou-o e começou a tocar. Estava feliz tocando seu violino, enquanto tocava, ouviu um leão correndo por entre as árvores vindo em sua direção, porém ao chegar perto, o leão ficou com sono, ele continuava tocando e observou que o leão dormiu. Depois o homem continuou tocando, um segundo leão, grande, forte, saiu correndo por entre as árvores em sua direção, ele viu o leão vindo, ficou com medo e continuou tocando sem parar e o leão continuava correndo em sua direção. Ele não parava de tocar, quando o leão chegou perto, diminuiu os movimentos, caiu no sono e dormiu. O homem continuou tocando, tocando... ouviu outro barulho, viu as árvores se mexerem, uma pantera preta de olhos verdes vinha em sua direção, ele amedrotado continuou tocando, a pantera estava cada vez mais perto, esbarrando nas árvores, fazendo barulho, quebrando árvores, galhos no meio do caminho...o homem apavorado, se contorcia de medo, tocava o violino desesperadamente para acalmar a fera.... e a pantera continuava correndo, chegando mais perto...mais perto, pulou em cima dele, o atacou, comendo-o e depois ficou se lambuzando. Porque será que a música do violino não acalmou a pantera preta de olhos verdes??? A pantera preta de olhos verdes era surda, não ouviu a música!!!

Vejam aqui que enquanto o homem toca seu violino, os leões que vieram foram acalmados pela música vinda do violino, porém, quando veio a pantera preta, a música não pode acalmá-la, pois a pantera era surda, dessa forma a pantera atacou o homem e o come.

Essa produção literária faz parte do folclore surdo, onde não se sabe quem é o autor, passado de geração em geração, adaptada de outra produção chamada “O violinista e o leão surdo”; possui o deaflore, que faz parte do conhecimento da cultura surda, e o signlore, que é uma produção criativa da língua de sinais. Em **categoria** é classificada como piada; possui como **imagem**: um surdo que mata um ouvinte; o animal que representa o surdo, tem como **tema**: vitória sobre o ouvinte; Surdos reagindo e provocando os ouvintes; cujo **assunto/conteúdo** é conseguir uma vitória sobre alguém, mostrando a capacidade do surdo de superar o ouvinte. Por exemplo: na hora em que a pantera preta ataca o “ouvinte”, produz um sentimento de superação/vitória sobre o ouvinte. **Função**: O que a primeira vista parece simplesmente uma forma de entretenimento e humor, pode esconder sentidos mais profundos, inclusive uma oportunidade de fugir da opressão. Por opressão entendemos que os surdos vem sofrendo há anos com a discriminação imposta pelos ouvintes, com sua “superioridade” sobre os surdos, então essa piada seria uma forma de libertação, de mostrar ao ouvinte que o surdo também é capaz e pode tudo.

4.5. Os três deficientes no Corcovado do Rio de Janeiro

(Veja o vídeo sinalizado pelo ator Bruno Ramos no artigo original deste texto publicado em Língua Brasileira de Sinais e disponível no link [Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras \(ufsc.br\)](#))

Transcrição da piada (ela será mostrada sinalizada no vídeo)

Um cadeirante chegou até o Rio de Janeiro e teve a ideia de ir até o Corcovado passear e andar. Quando chegou até o Cristo resolveu piscar pra ele e acenar. O cadeirante ficou apavorado. Assustado resolveu pedir para ele o ajudar. Pediu que o fizesse andar. Cristo disse que teria de jogar sua cadeira de rodas no mar para poder andar. Ele jogou e saiu andando. Outro dia estava um cego lá passeando. Cristo piscou o olho e abanou, mas ele não viu porque era cego então ele deu toque nele e falou dizendo que era o Cristo. O cego logo pediu ajuda. Queria poder enxergar. Cristo disse que deveria jogar sua bengala no mar. Ele a jogou no mar e saiu vendo tudo e feliz da vida. Um outro dia estava um Surdo passeando perto do Cocorvado. Cristo abanou para o Surdo. O Surdo sorridente, assustado pediu para ele para poder ouvir; que era um sonho. Cristo disse para ele que deveria jogar algo no mar, o aparelho de surdez ou implante coclear. O Surdo disse que não possuía nenhum dos dois. Cristo disse que ele deveria jogar algo que fazia parte da surdez no mar. O Surdo pensando pensando pensando....pegou o intérprete dele e jogou no mar. E saiu ouvindo feliz da vida.

Essa produção literária faz parte do folclore surdo, onde não se conhece o autor, passado de geração em geração, possui o deaflore, que faz parte do conhecimento da cultura surda, e o signlore, que é uma produção criativa da língua de sinais. Em **categoria** é classificada como piada; possui como **imagem**: Surdos reagindo e provocando os ouvintes, mesmo até que o surdo mata o ouvinte; tem como **tema**: a liberação; cujo **assunto/conteúdo** se refere a experiência dos surdos, conseguir uma vitória sobre alguém. Por exemplo: na hora em que o intérprete é jogado mostra a liberação do surdo da dependência do ouvinte. **Função**: entretenimento e diversão.

4.6. Bandeira brasileira (Nelson Pimenta)

(Veja o DVD: literatura em LSB, de Nelson Pimenta)

Essa produção literária faz parte da literatura surda, em que sabemos quem é o autor, Nelson Pimenta, do Brasil e foi produzido em Libras (Língua Brasileira de Sinais). Possui o deaflore, que faz parte do conhecimento da cultura surda, e o signlore, que é uma produção criativa da língua de sinais. Em **categoria** é classificada como poema; possui como **imagem**: a bandeira; tem como **tema**: amor a bandeira brasileira, patriotismo; cujo **assunto/conteúdo** é um poema sobre a bandeira e os estados do Brasil. **Função**: Entrenimento e diversão.

4.7. A história da Bandeira de Bristol / The story of the flag (David Ellington)

(Veja o vídeo no link abaixo e procure em Festival 2011)

<http://www.bristol.ac.uk/education/research/sites/micsl/poem-repository/poems2/>

Essa produção literária faz parte de uma literatura surda sinalizada internacional, cujo autor é David Ellington, da Inglaterra e foi produzido em BSL (British Sign Language). Possui o *deaflore*, que faz parte do conhecimento da cultura surda, e o *signlore*, que é uma produção criativa da língua de sinais. Em **categoria** é classificada como poema; possui como **imagem**: bandeira; tem como **tema**: Bandeira da universidade de Bristol; cujo **assunto/conteúdo** é o poema, que é feito em homenagem a Universidade de Bristol, na Inglaterra pela sua acessibilidade e apoio a comunidade surda. **Função**: Homenagem.

A maioria dessas produções foram classificadas como Folclore surdo, apenas quatro produções foram classificadas como literatura surda, como em: “Bebê IC”, “Caixa Surpresa / Jack in the box”, “Bandeira Brasileira” e “A história da Bandeira de Bristol / The story of the flag”. Quase todas as produções possuem “*deaflore*”, que faz parte do conhecimento da cultura surda, apenas “Chapeuzinho vermelho” não possui “*deaflore*”, por ser uma adaptação da literatura escrita da comunidade ouvinte. Uma característica comum a todas essas produções foi o “*signlore*”, produzido em língua de sinais, criativamente com a contribuição espacial e visual tridimensional. Vimos que a maioria destas produções sinalizadas, analisadas, foram registradas, produzidas em Libras (Língua Brasileira de Sinais) e apenas duas foram produzidas em BSL (British Sign Language). As categorias variaram entre narrativas, piadas e poemas; os temas foram bem diversificados como opressão, liberação, obediência, vitória sobre o ouvinte e patriotismo. As imagens também foram diversificadas entre bebê surdo, criança, personagens surdos e bandeiras, porém, o interessante aqui é que em sua maioria temos personagens surdos incorporados ou não, sendo isso um traço típico da cultura surda e sua identificação surda. Os assuntos/conteúdos em sua maioria falam sobre a surdez, a vitória do surdo sobre o ouvinte, a opressão na sociedade ouvinte, destacando assim a realidade da vida da comunidade surda e seu desejo de libertação. As funções em sua maioria foram de entretenimento/diversão, também transmissão da cultura surda e fuga da opressão na sociedade ouvinte. Em muitas dessas produções sinalizadas também encontramos outras características como velocidade, espaço, configurações de mãos, Antropomorfismo, Incorporação e classificadores, porém não entrarei em detalhes sobre isso, contudo, faz parte da literatura e folclore surdo.

5. Considerações finais

Aqui foi mostrado o que é literatura surda, a legitimidade da língua de sinais, sua importância na transmissão da cultura surda para as novas gerações e sua ligação direta com a cultura e a identidade surda. Logo após foi discutido o que é folclore, folclore surdo, os termos “*deaflore*” e “*signlore*” criados pelo americano Simon Carmel. Em seguida foi mostrada a importância do surgimento da tecnologia, dos registros sinalizados das produções

literárias surdas, no corpus do cânone sinalizado para serem transmitidas para as futuras gerações. Por fim, foi mostrada a análise das produções literárias sinalizadas como “bebê IC” (implante coclear), “Chapeuzinho vermelho” (INES), “caixa de surpresa” (Jack in the Box - Richard Carter), “O violista e a pantera surda”, “Os três deficientes no Corcovado do Rio de Janeiro”, “Bandeira brasileira”(Nelson pimenta) e “A história da bandeira de Bristol” (The story of the flag – Davi Ellington), com descrição e explicação das características temáticas da literatura surda como: categoria, imagem, tema, assunto/conteúdo e função.

Há uma característica que foi comum em todas essas produções como o signlore, produzidos criativamente pela língua de sinais, sendo a maioria foi produzida em Libras e apenas duas foram produzidas em BSL. Outra característica que foi comum a maioria das produções sinalizadas foi o deflore (folclore surdo), porém, apenas a produção sinalizada “chapeuzinho vermelho” não possuía o deaflore, pois era uma adaptação da literatura escrita da comunidade ouvinte. É uma coisa muito interessante que percebi nesta narrativa do “chapeuzinho vermelho”, que não havia nenhum personagem surdo, nos levando a pensar que as produções sinalizadas da literatura surda tem a tendência de haver sempre personagens surdos.

Dessa forma, podemos entender a importância e a necessidade de registros de produções literárias sinalizadas, com o objetivo de oferecer à comunidade surda um rico material visual, tridimensional, de entretenimento, diversão com transmissão de valores culturais e causando um impacto cultural na subjetividade das pessoas surdas.

6. Referências Bibliográficas

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura Surda. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: Análise da Literatura Surda. **Cadernos de Educação**, v.36, pp.155 - 174, 2010.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. Curso de Letras-Libras. Florianópolis: UFSC, 2010.

PERLIN, Gladis. **Identidades surdas In: A surdez um olhar sobre as diferenças**, Skliar, C. (org.), Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis. O lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maria Corcini. (Org.). In.: **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

QUADROS, Ronice Muller; SUTTON-SPENCE, Rachel. **Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda**. In.: R. M. Quadros (Orgs.), Estudos surdos I (pp. 110-165). Petrópolis: Arara Azul. 2006.

ROSA, Fabiano Souto; KLEIN, Madalena. Literatura Surda: Marcas Surdas Compartilhadas. Anais do XVIII Congresso de Iniciação Científica (CIC) e XI ENPOS, I Mostra Científica, 2009.

SMITH, J. ; SUTTON-SPENCE, Rachel. **“What is the Deaflore of the British Deaf Community?”** Deaf Worlds, 23, 44-69, 2007.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel; NAPOLI, DJ. **Anthropomorphism in sign languages: “A look at poetry and storytelling with a focus on British Sign Language”.** Sign Language Studies, Volume 10:4, 2010.

PIMENTA, Nelson. **Literatura em LSB.** Rio de Janeiro.(DVD)

Educação de Surdos, Histórias infantis em Línguas de Sinais, Vol. 3, INES, SEE, MEC. (CD)

Sites:

<http://www.bristol.ac.uk/education/research/sites/micsl/poem-repository/poems/>
(acesso em 22/09/2013)

<http://www.bristol.ac.uk/education/research/sites/micsl/poem-repository/poems2/>
(acesso em 22/09/2013)